

A economia de rua: um olhar sobre Belo Horizonte

Daniela Viegas da Costa Nascimento

Camila Álvares dos Reis

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

INTRODUÇÃO

Realizamos o ensaio fotográfico na cidade de Belo Horizonte, com o objetivo de capturar e examinar imagens relacionadas as práticas de “Resistir”, em especial ao que interessa à economia de rua, marcada por transações comerciais informais exercidas por diferentes pessoas nos contextos da cidade. A intenção deste registro fotográfico foi apresentar as formas alternativas de negócios praticados pela população que atua gerando uma “nova economia” de rua.

As pessoas que vivem do sustento de rua geralmente necessitam se reinventar para permanecerem nas vias urbanas, saindo ou tangenciando a lógica

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311



tradicional do sistema capitalista. Por vezes, essa economia de rua pode reforçar o próprio sistema, na medida em que recriam situações análogas ao modo capitalista, que mantém a exploração dos mais “fracos” ou “menos espertos”, e de regras estabelecidas em uma lógica de trabalho para sobreviver.

Registramos algumas cenas dos comércios informais praticados nas ruas, retratando as formas de sobrevivência que as pessoas criam, que geralmente não são consideradas pelo poder público como uma prática correta, por descaracterizar o espaço “público” e requalificar o centro da cidade (CARRIERI et. al., 2009). A cidade tomada como referência para a gestão pública é dirigida por uma abordagem estratégica em que as ações não abarcam a diversidade de sujeitos e suas complexas relações (Viegas & Saraiva, 2015).

São pequenos comércios para vender utensílios a pessoas de baixa renda ou à população de rua, como a ‘Feira do Rolo’, no centro da capital. Na medida em que eles ganham, recolhem do lixo ou compram em menor valor diversos objetos (sapatos, roupas, latinhas, CD’s, panelas, bolsas, equipamentos eletrônicos descartados) há o repasse dessas mercadorias para os próprios colegas ou transeuntes, em uma espécie de escambo, venda ou partilha dos objetos por meio de multifacetadas relações comerciais.

Ao usarem o lixo para atribuir novos valores a objetos que foram considerados sem valor, essas pessoas ressignificam e reinserem objetos em uma nova cadeia produtiva. Nesse sentido, o ensaio fotográfico revela, em segundo plano, a prática de ressignificar, na medida em que esse comércio de rua pode indicar novas formas sustentáveis de pensar e agir sobre a cidade.

O encontro deste registro fotográfico com a prática organizativa resistir, na esfera da cidade, reflete uma atividade de “oposição ao determinismo empregado pelas instituições, em defesa de outras lógicas impressas por crenças e valores divergentes do que é socialmente aceito” (Viegas & Saraiva, 2015, p. 76).

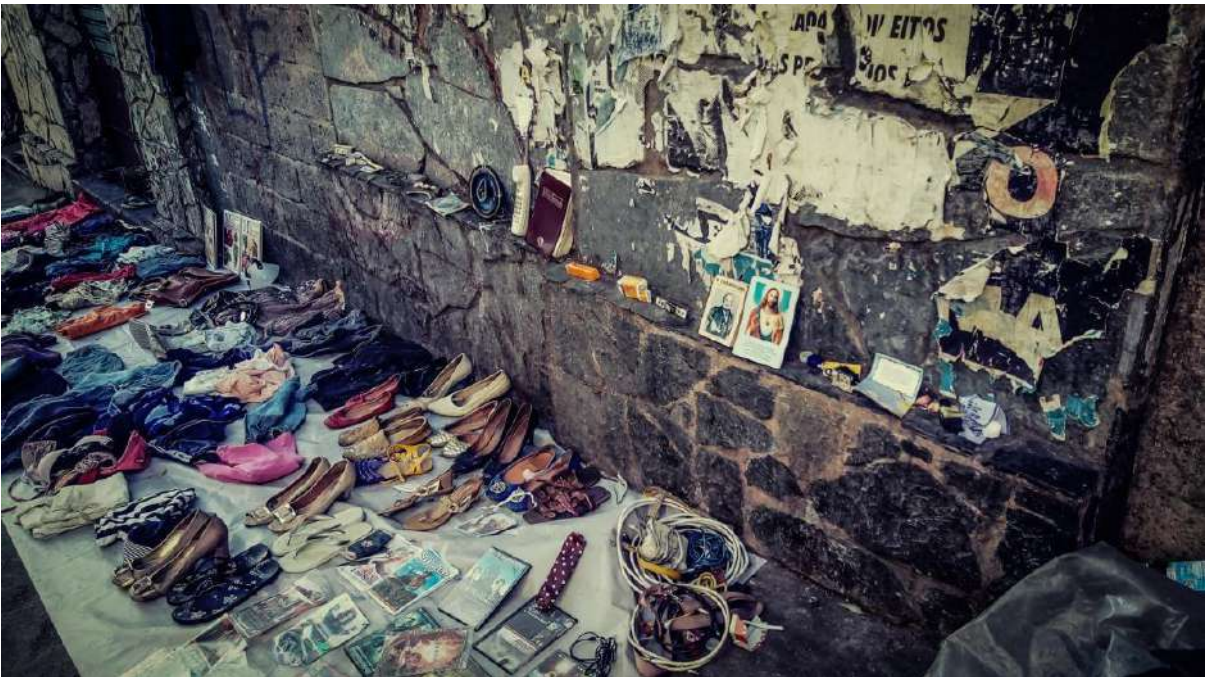
Há diversas extensões do resistir, que resultam em variadas contradições sociais (Britto & Jacques, 2009). A forma de resistir, considerando o espaço urbano e os atores registrados nas fotos, pode contrapor o caráter puramente mercadológico, ao mesmo tempo em que, ao defender o uso do espaço urbano de forma diversa, pode encobrir novas formas de desenho do sistema capitalista. As pessoas em situação de rua adotam um modo de viver particular, por meio do qual instituem maneiras peculiares de garantir a sua permanência e convivência (Vieira, Bezerra & Rosa, 2004), configuradas como táticas cotidianas (Certeau, 2008).



A ECONOMIA E A RUA

No cotidiano da vida contemporânea, a espetacularização urbana, em referência às decorrências da privatização dos espaços públicos pela especulação imobiliária e à “gentrificação do nada” (Jackson, 2011) das cidades, torna o ambiente urbano uma cenografia resumida à “utilização e circulação disciplinadas por princípios segregatórios, conservadores e despolitizados, que conferem um sentido mercadológico, turístico e consumista ao seu modo de operação” (Britto & Jacques, 2009, p. 338). A crítica neste registro fotográfico se dá, exatamente, ao desnudar as maneiras de resistir que a economia das ruas enfrenta no cotidiano.

Figura 1: Comércio Informal de Rua no Bairro Floresta



Fonte: Acervo dos autores.

As fotos da Figura 1 são do comércio de uma pessoa em situação de rua, no Bairro Floresta. Com um plástico estendido ao chão e divididos por categorias, os objetos compõem a vitrine da sua loja de mercadorias restauradas, como: sapatos, bolsas, roupas, artigos religiosos, restos de produtos eletrônicos, CD's e DVD's descartados e recuperados por meio de sua atividade como catador de resíduos urbanos. Ao fundo da foto, a cama e os objetos pessoais. O vendedor, receptivo, simpático e aberto às perguntas, permitiu acesso aos produtos e a sua história. Afirmou que, quando não está construindo seu acervo de produtos através da atividade de catação de recicláveis, permanece em sua calçada vendendo seus produtos cujos clientes são pessoas em situação de rua ou outras pessoas que passam de carro e param para comprar.

Figura 2: Escambo e venda a “qualquer negócio” no Centro de Belo Horizonte





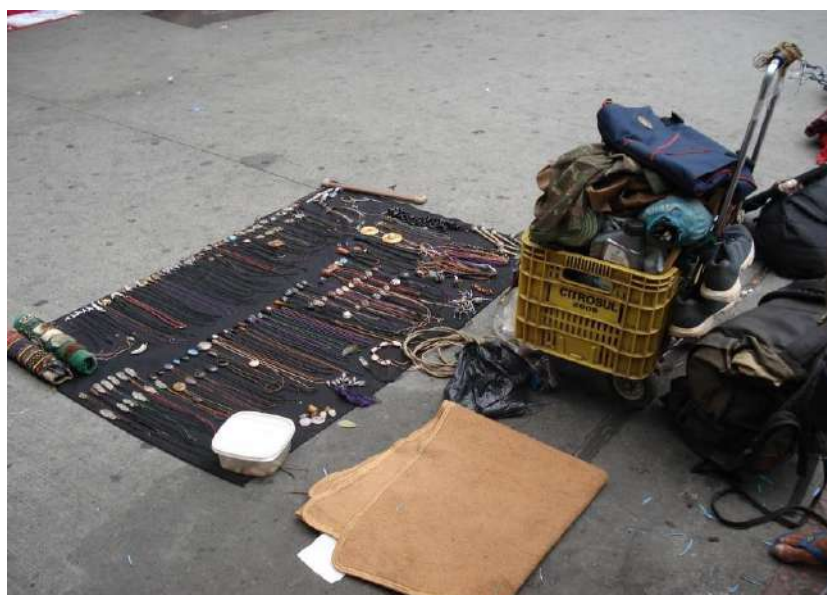
Fonte: Acervo dos autores.

Diferente do registro anterior, os produtos do vendedor da Figura 2 estão mais misturados, ainda que categorias de separação sejam minimamente definidas. Qualquer objeto é passível de venda. A venda para consumo.

Nascimento, Teixeira *et al.*, (2016) mencionam a importância de tratar as práticas de resistências nas cidades como um processo de construção social, em oposição às dinâmicas de cidades planejadas. Essas resistências implicariam em envolver ressignificações dos espaços organizacionais que levam à reflexão sobre “a existência de práticas de resistência de oposição e enfrentamento aos processos de segregação social, sendo esses, processos integrantes de práticas hegemônicas de poder, como práticas de planejamento, organização e controle dos espaços urbanos.” (Nascimento *et al.*, 2016, p. 58).

Este vendedor faz do banco da praça sua pequena empresa. Negocia qualquer objeto e mantém sua logística própria no mercado de rua para vender, trocar, revender e reaproveitar os objetos encontrados no lixo ou doado por instituições. Ele também representa uma fissura no discurso “senso comum”, mantido pelo estereótipo do “morador de rua”.

Figura 3: "Hippie" na Praça setembro



Fonte: Acervo dos autores.

A arte produzida e vendida pelos hippies urbanos revela outro modo de sobreviver nas ruas, com um tipo de comércio com produção própria, que

atende a um público específico apreciador deste artesanato. O artesão e seu cachorro, apresentam seu local fixo de venda, cobertor e seus pertences e sorri para a foto negociada, como condição de troca mediante a compra de um de seus produtos.

Figura 4: "Promoção" na Praça Sete



Fonte: Acervo dos autores.

Na Figura 4 ocorre a representação do sistema capitalista de consumo, pelo "contraste" com a economia de rua. O adesivo "Black Friday" no carrinho do

feirante hippie demonstra a confluência desses mundos. Certeau (2008) menciona que as práticas microbianas, singulares e plurais escapam aos ditames dos processos de racionalização das cidades e as práticas cambiantes de fluidez e circulação, instauram um cotidiano inventado e reinventado.

Mesmo que na esfera da cidade aconteça uma identidade conexas aos diferentes signos e símbolos passíveis de gestão, a cidade é subjetividade, e, por conseguinte, pluralidade (Viegas & Saraiva, 2015). O urbano se configura em um mosaico de fragmentos, mais plural que singular, complexo de totalização (Canclini, 2002; Magnani, 2008; Pesavento, 2007).

Figura 5: A "Catação" no Centro de Belo Horizonte



Fonte: Acervo dos autores.

A Figura 5 demonstra um dos mais típicos trabalhos escondidos no centro da cidade. Escondido talvez, pela invisibilidade do trabalhador. “Não percebido, é aquele que fala sem ser ouvido, olha e não é enxergado, vive sem ser observado, geralmente ignorado” (Rodrigues & Ichikawa, 2015, p. 2) encontrando no lixo a sua economia.

Contrapondo as outras imagens, esse trabalho não é exposto na calçada, ele é tirado dela. Esse homem ordinário tratado como invisível, habita os “entrelugares”, nas fendas sociais, limpando a cidade e vendendo a sua força de trabalho coletando materiais e objetos que para alguns, não possuem valor nenhum. Aquele que não dispõe de lugar, transita nas calçadas, nas ruas, nos cruzamentos, no trânsito, nas marquises, nos prédios abandonados, criando uma nova cadeia produtiva através dos resíduos sólidos urbanos e resistindo a uma invisibilidade histórica constituída nos centros urbanos (Rodrigues & Ichikawa, 2015). A prática ressignificar se revela nesse registro através da reutilização desses materiais considerados lixo para uma parcela da população. Para outra, os produtos se ressignificam e se tornam mercadorias para venda ou consumo próprio.

Na perspectiva de Carrieri *et al.* (2009), nos últimos anos, a Prefeitura de Belo Horizonte instituiu mecanismos de gestão da cidade a fim de controlar o

comportamento humano e “revitalizar” o centro da cidade. O fenômeno, que toma o sentido do manejo humano, reflete a “expressão da cumplicidade do Estado com o capital, e ressalta sua incapacidade contraditória de resolver os problemas que ele mesmo pretensamente é encarregado de fazer, pois suprimir toda e qualquer desigualdade social requer a autossupressão do próprio Estado” (CARRIERI *et al.*, 2009, p. 1338). O catador de material reciclável resiste ao sistema higienista e capitalista e cria novas formas de resistir ao “manejo do poder público” que segrega e exclui aquele que habita e reconfigura os espaços urbanos através de novas práticas.

Figura 6: O Conde – Centro da Cidade





Fonte: Acervo dos autores.

Outra forte expressão do “revitalizar” a cidade, que na gestão estratégica de Belo Horizonte (Fischer, 1997; Viegas & Saraiva, 2015) tem se expressado em “limpeza” e “higienização” das vias urbanas, é esse representante de rua que se autodenomina Conde, que tenta resistir a essa atuação repressiva do poder público. Ele é ‘tomador de conta’ de carro na rua que dá acesso ao complexo Casa do Conde, que compõe a Fundação Nacional de Artes (Funarte) e o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), sistema cultural anexo à Praça da Estação.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311

1100
:
2

Conde tem uma história de mais de 20 anos do resistir na rua. O nome artístico revela um personagem politizado, que defende a proteção à pessoa em situação de rua contra os instrumentos de controle sobre as práticas de organização da cidade, em que se instituem agentes sociourbanos de legitimação estratégica. Ele e sua cadela, Michelle Obama, enfrentam o cotidiano com uma dinâmica própria de controle da via urbana, tendo algumas pessoas trabalhando para ele junto aos carros. Com o olhar triste e ao mesmo tempo forte de quem vive a vida da rua, Conde já passou por três episódios de destruição de sua barraca de produtos que vendia, por violência e por desrespeito à sua permanência no local. Em conversa durante as fotos, ele nos faz refletir: “Em um país onde até a presidenta perdeu o emprego, imagina a situação de quem está na rua” (informação de entrevista informal no dia 06 de maio de 2017). Ali é seu sustento, sua casa, sua vida. Ali a prática resistir se manifesta por excelência. Cercado por outros moradores de rua, pessoas de outros estados, amigos e admiradores, Conde resiste, junto à cidade.

O desenho da prática organizativa resistir, no domínio da cidade, conjectura atividades de negação de outras práticas organizativas, aversão ao determinismo das instituições e emprego de outras lógicas, marcadas por valores divergentes do que é socialmente aceito (Viegas & Saraiva, 2015). Das diferentes dimensões do resistir, despontam múltiplas contradições sociais (Britto & Jacques, 2009).



Figura 7: A Travesti no Centro da Cidade – Cuidado, Frágil!



Fonte: Acervo dos autores.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311

A expressão da pluralidade de pessoas, de vivências e de experiências é demonstrada neste registro que apresenta mais uma personagem desta narrativa de cidade. Na primeira imagem da Figura 7, a travesti segura uma caixa com os dizeres “Cuidado, frágil”.

A travesti é catadora de material reciclável e mora dentro de um depósito de matérias recicláveis, exatamente no local em que as pessoas deixam os resíduos, no centro da capital. A cidade que ninguém vê, a cidade dos que a vivem. De acordo com Viegas e Saraiva (2015, p. 77), no espaço urbano, os atores “negam a despolitização urbana, ou seja, a redução da participação e experiência das pessoas em relação à cidade, opondo-se à espetacularização da cidade e ao seu caráter meramente mercadológico, turístico, estratégico e consumista” mesmo que defendam e reafirmem em seus discursos o “uso do espaço urbano de forma igualitária e plural” (Viegas & Saraiva, 2015, p. 77).

Como afirma Bursztyn (2000), a concentração de pessoas em situação de rua no centro das cidades é avaliada por segmentos abastados da sociedade como uma invasão de área de privilegiada pela pobreza, bem como um risco à segurança e ao bem-estar pessoal.

Figura 8: Feira do Rolo na Praça da Rodoviária





Fonte: Acervo dos autores.

A cidade revelada em uma das mais significativas feiras informais. Este registro fotográfico está na Figura 8. A ‘Feira do Rolo’ acontece todos os dias, no Centro da Capital, no meio da praça em frente à Rodoviária. Os primeiros participantes começam a chegar por volta das 13 horas, mas o comércio ganha força por volta das 15 horas e se estende até a noite. São diversos os produtos e as formas de negociação, mas algo chama bastante atenção: a feira é masculina. A mulher na foto é apenas uma transeunte a caminho da Rodoviária e este momento foi escolhido exatamente para demonstrar o contraste de gênero.

Com produtos de procedência duvidosa, a Feira foi percebida por nós com certo receio. Ao nos aproximarmos, fomos observadas e sofremos certa pressão dos participantes. Um deles perguntou se éramos jornalistas. Outro nos enfrentou com uma postura agressiva e certa conduta “delirante”: retirou um certo livro que ele tinha na sacola para vender, obrigando-nos a lê-lo. Neste momento decidimos sair do miolo da feira, mas antes conseguimos fazer mais um registro de produtos ali comercializados. O espelho foi oferecido por “quanto você dá (*sic*)?”, e diante da nossa recusa, foi oferecido o valor de oito reais, e em seguida, cinco reais. O senhor à direita também se interessou em observar o espelho.

Figura 9: Feira do Rolo: o Deslocamento



Fonte: Acervo dos autores.

A chuva caiu no exato momento em que registrávamos a Feira do Rolo. Ficamos com a pergunta: o que vai acontecer agora? Sem cobertura, loja, equipamentos ou estrutura, o que esses homens fariam? A Feira continuaria em outro local ou se desfaria? O resistir se apresentou novamente e, de espreita, acompanhamos a correria dos feirantes para a marquise do comércio no entorno da Praça da Rodoviária, notadamente uma farmácia e um supermercado, ambos de perfil considerado popular. Como defendem Viegas e Saraiva (2015), a cidade, vista tradicionalmente pela administração sob a ótica funcionalista, extrapola a capacidade de entendimento como campo de atuação profissional ou objeto da administração pública e gestão urbana. A cidade é mais próxima de um mosaico do que algo uniforme (MAGNANI, 2008), como representa o espelho registrado na Figura 8 acima. Desta maneira, a cidade é o palco de uma instabilidade recorrente, na qual são investidas propostas de equilíbrio, ajustamento e controle, que implicam em embates entre atores das esferas de poder (Sánchez, 2001).

A Polícia Militar, mais tarde a Guarda Municipal, estavam presentes na praça da Rodoviária em todo o momento em que estivemos por lá. Com um veículo do tipo van e cerca de oito representantes, a força policial permaneceu a aproximadamente uns quinze metros do local, apenas observando a movimentação e o trânsito. Destaca-se, ainda, na Figura 9, a presença de pessoas em situação de rua, tentando dividir seu espaço com os recém-vizinhos da Feira do Rolo, além dos ambulantes informais (vendedores de água, balas e cigarro) que já permaneciam ao seu redor.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

Figura 10: Venda Ilegal de Rua no Centro



Fonte: Acervo dos autores.

Na Figura 10, ambulantes informais são representados por um produto notadamente sem registro, o cigarro falsificado. Vendido em diversas esquinas do Centro da capital, em pequenas bancadas ou caixotes de fácil retirada em caso de fiscalização, o comércio acontece dia e noite.

O resistir enfrenta, muitas vezes, fronteiras definidas na dinâmica da cidade, mas esse mercado informal se apropria cada vez mais dos locais públicos para comércio, o que

possibilita ver a cidade como um território de mudanças e adaptações constantes, além das suas (re)configurações dos espaços (Mendes & Cavedon, 2012).

Figura 11: Flanelinhas no Bairro Santa Efigênia



Fonte: Acervo dos autores.

A Figura 11 representa os chamados flanelinhas, pessoas que guardam e lavam carros na rua, enquanto estão estacionados aguardando o retorno de quem os deixou. Os flanelinhas conhecem toda a dinâmica de sua localidade de trabalho e precisam se reinventar para resistir em sua função.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311

Em meio a pressões dos órgãos públicos, dos vigias e manobristas, e dos próprios clientes, a atividade resiste na cidade. Nota-se nesse registro que “o próprio conceito de cidade vai se alterar, realizando uma verdadeira (re)significação das atividades sociais e econômicas constituídas” (Mendes & Cavedon, 2012).



Figura 12: As Crianças no Barro Preto



Fonte: Acervo dos autores.

Cena infelizmente recorrente na cidade está representada na Figura 12. No trajeto para o Centro da cidade, avistamos quatro crianças, no Bairro Barro Preto, praticando malabares em frente a um sinal de trânsito. No encontro, as crianças assustaram e ensaiaram correr. Conseguimos conversar e explicar que estávamos querendo apenas conversar e registrar o trabalho deles. Na conversa, afirmaram que cada uma tem a

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

retirada de cem reais por dia, em média, que são repassados à mãe deles, de acordo com o que explicaram, para comprar roupas e comida. "Aquele ali já chegou a fazer R\$230,00 num dia só", disse o mais velho se referindo a uma criança menor. Sem qualquer familiar ou adulto por perto, aquelas crianças se apresentavam ao público, o dia todo, para seu sustento e o de sua família, de acordo com os relatos. O resistir, ao menos a uma parcela representativa da população, inicia-se cedo.

Pode ser de fato interessante, pensar a arte como essa fonte explicitadora, mantenedora ou até mesmo criadora de tensões no/do espaço público, mas a espetacularização urbana não abre espaço para a cidade-espetáculo, só apenas para a cidade-cenário. (Britto & Jacques, 2009)



Figura 13: As Crianças e o Controle



Fonte: Acervo dos autores.

Nesse registro da Figura 13, a polícia mais uma vez presente na cena da cidade. Desta vez, também passou 'batido'. Afinal, parecia ser mais uma cena do cotidiano belo-horizontino na visão do controle público.

As relações entre corpo ordinário, vivido, cotidiano e cidade, poderiam nos mostrar alguns caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micro-políticas ou ações moleculares de resistência ao processo molar da cidade, se quiséssemos enxergar.

(Britto & Jacques, 2009)

Figura 14: As Crianças no Trabalho no Centro da Cidade





Fonte: Acervo dos autores.

O registro da Figura 14 está em preto e branco. Demonstra a dureza da cena e da vida na cidade. Na passarela que dá acesso ao metrô, duas crianças – uma de colo e outra sentada ao lado da mãe – presentes no comércio das ruas. Elas resistem. Ainda nesta passarela, o comerciante recusou ser fotografado. Ex-presidiário, não queria sua imagem exposta, “poderia dar problema” (informação de conversa informal durante o registro no dia 06 de maio de 2017). Seus produtos, segundo ele, vêm de uma pessoa que

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

entrega e ele simplesmente vende, não sabendo como o sujeito os adquire. O que interessa é sobreviver na lida diária.

Figura 15: Calçada da Vila São José





Fonte: Acervo dos autores.

O registro da Figura 15 foi feito com abertura por parte de seus comerciantes. Sem hesitar, permitiram as fotos com tranquilidade. A calçada da Vila São José, na região Noroeste/Pampulha, vem se transformando em uma exposição permanente de produtos em horário comercial. Ao passar pela calçada, o transeunte vai, necessariamente, passar por dentro do comércio desta família que mora nesses prédios demonstrados na foto em preto e branco. Algumas clientes registradas observam os produtos, perguntam os preços, tendo a informalidade como base da relação, visto que andam por ali descalças, na rua, como um momento qualquer da vida cotidiana.

A construção da Vila fez parte do projeto de urbanização que transformou o bairro, com pavimentação de vias, saneamento básico, quadras de esporte e lazer, ciclovia e acesso a avenidas da capital. Foram construídos 88 prédios, com um total de 1,4 mil apartamentos. As intervenções foram do Programa Vila Viva, com recursos do PAC (Programa de Aceleração Econômica) do governo federal. O comerciante é catador de material reciclável, conforme mostra o registro com seu carrinho de percurso na cidade. Da catação e de doações ele retira os materiais para a venda.

Figura 16: Presença das Mulheres nas Vendas de Rua – Bairro Barro Preto



Fonte: Acervo dos autores.

O registro da Figura 16 retrata a presença das mulheres no comércio informal de rua. As mulheres também estavam nos sinais de trânsito, nas barracas improvisadas, nas esquinas vendendo seus produtos.

Figura 17: Engraxate – Bairro Centro



Fonte: Acervo dos autores.

A antiga profissão resiste. O registro da Figura 17 mostra o engraxate nas ruas de Belo Horizonte. Em um mundo consumista de rápida substituição de produtos, o engraxate afronta ao tempo e resiste na cidade.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311

1120
2:

Seu ofício o leva a estar abaixo de seus clientes, em um degrau inferior na posição nas calçadas das ruas da cidade. Metaforicamente, ao relacionarmos com as configurações de segregação urbana, o alinhamento entre o engraxate e a sociedade desprivilegiada – representada por seus clientes – parece seguir a lógica de apropriação do espaço urbano (Carvalho, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na reflexão final, observamos a cidade de Belo Horizonte como “a cidade que ninguém vê, e a cidade dos que a vivem” (Viegas & Saraiva, 2015, p. 77). Ao passar pela cidade, enxergamos essas cenas? Esses sujeitos são visíveis na cidade? E, se são vistos, são considerados cidadãos, ou são marginalizados? Ao andar de carro pela rua e se deparar com essas pessoas registradas neste ensaio, a reação seria fechar o vidro do carro ou conversar com elas?

As relações entre corpo ordinário, vivido, cotidiano e cidade, poderiam nos mostrar alguns caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micro-políticas ou ações moleculares de resistência ao processo molar da cidade, se quiséssemos enxergar (Britto & Jacques, 2009). Em situação de pobreza, esses atores sociais aqui registrados fazem uso da rua como forma de sobrevivência. Eles resistem a partir de uma forma



alternativa de modo de vida, tida pelo poder público como inconveniente. Por meio de mecanismos que dirigem o afastamento dessa população de determinados espaços da cidade, novas configurações de segregação urbana acontecem, seguindo uma lógica de apropriação do espaço urbano por uma determinada parcela da sociedade.

Essas cenas, maquiadas nas áreas centrais e na pobreza sobrevivente das ruas, refletem ações disciplinares do poder público em tentativas de “limpar” a cidade, o que pode chegar em um nível de criminalização da pobreza. Desprovidos de uma vida nos padrões convencionais, seus destinos estão relacionados à força que diversos grupos podem exercer para pressionar as instâncias decisórias, a fim de reduzir os parâmetros de injustiça social no meio urbano e promover uma maior democratização no fazer, viver e gerir as cidades.

A economia informal de rua aqui retratada é fruto dos pequenos negócios geridos por um grupo de desempregados e marginalizados (Harvey, 1992). Desta forma, entendemos que esses negócios alternativos foram organizados mais como uma estratégia de sobrevivência do que como atividade intencionalmente planejada como forma de burlar o sistema de impostos e gerar altos lucros na informalidade (Mendes & Cavedon, 2012). Nesse sentido, o ensaio contradiz a perspectiva de cidade-conceito, planejada utopicamente como manifestação do espaço urbano organizado, generalizado e com estruturas definidas (Certeau, 2008).



A cidade, enquanto espaço da movimentação e ação humana, é o lugar do acontecimento possível, por meio de “formas inéditas de trabalho e de luta” (Santos, 2000, p. 132), que necessita de maneiras diferenciadas de escuta e ação para esboçar o cenário de uma “nova economia” e uma “nova cidade”. Nossos atores sociais resistem. Até quando?



APÊNDICE

Este registro fotográfico foi realizado no período de 30 de abril a 8 de maio. Durante esse intervalo de tempo, alguns registros foram realizados por meio de encontros dos pesquisadores com o objeto de estudo, no trajeto cotidiano dos afazeres cotidianos. Nos dias 6 e 8 de maio, durante todo o dia e uma parte da noite, foram datas definidas como exclusivas para o mapeamento de práticas de comércios informais de rua, quando percorremos a cidade em pontos que suspeitávamos encontrar a “economia de rua”, tais como o centro da cidade, sinais de trânsito mais movimentados, localidades próximas a viadutos, rodoviária etc.

Uma estratégia de pesquisa utilizada para captar o movimento de comércio informal das ruas foi buscar informações prévias na Fundação Espírita Divino Amigo (Fundamigo), uma instituição de caráter filantrópico, que tem por finalidade promover a beneficência através da assistência social, moral e material, localizada no bairro Padre Eustáquio. Como a instituição acolhe moradores em situação de rua, visitamos a entidade para tentar descobrir a localização da Feira do Rolo, um reduto do comércio informal praticado pelas pessoas na rua, no centro da capital. Conversando com um dos visitantes/atendidos pela instituição, descobrimos a localização da Feira, em



frente à Praça da Rodoviária. O informante era um dos vendedores informais e seu posto de venda era exatamente em frente à Feira do Rolo, debaixo da marquise de um supermercado ao lado da Rodoviária.

Apesar de encontrarmos alguma receptividade em muitas pessoas que praticavam o comércio de rua, em sua maior parte, as fotografias foram feitas por meio de bastante negociação. A partir de uma conversa inicial, explicávamos o objetivo do trabalho e, a partir das resistências, próprias de quem está na rua como forma de proteção e sobrevivência, nossa estratégia foi sermos claras, expor a situação acadêmica e oferecer, em alguns momentos, cigarro, biscoitos, materiais de doação e dinheiro (alguns trocados) para a efetivação das fotos. Esse fato comprova o caráter empreendedor e negociador das pessoas que dependem do comércio nas ruas, na medida em que qualquer situação é uma chance de conseguir algum benefício.

Foram realizados 214 cliques, dos quais 172 estavam em boas condições de análise. Isso se deu pelo fato de que, em campo, aconteceu a foto de situação. Pela complexidade em registrar o objeto de estudo escolhido – por suas práticas serem, em sua maioria, escondidas na cidade – por diversas vezes, a foto foi ‘de momento’, registrando os clientes que se aproximavam, ou o comércio

organizado, e por isso os registros foram realizados sem cuidado estético ou com enquadramento. Era a foto possível de se fazer naquele momento.

Destacamos também a possibilidade de assalto e a posição de vulnerabilidade que experimentamos, na qual duas mulheres com equipamento fotográfico estavam, no centro da cidade e em situação de certa ameaça. Vivenciamos assédio, perseguição, tentativas de extorsão, intempéries climáticas como a chuva e esforço físico de percorrer todo o centro da cidade e ruas circunvizinhas a pé. As fotos que constam neste registro foram selecionadas pelos pesquisadores segundo critérios que enfatizavam a prática organizativa resistir, em uma tentativa de evidenciar a narrativa do comércio informal de rua praticado pelas pessoas no contexto da cidade.

Três equipamentos foram utilizados para o registro: o celular, uma câmera fotográfica doméstica portátil e uma câmera profissional, calibrada no modo automático e, por vezes, com fundo desfocado. Em função do objeto aqui estudado, os equipamentos variaram de acordo com a circunstância vivenciada nas ruas, bem como por causa dos diferentes dias de percurso pela cidade. Foram recolhidas a Autorização para Uso de Imagens de todas as fotos que possuíam pessoas identificadas. As imagens selecionadas foram tratadas para

correção de luz e algumas sofreram cortes laterais para excluir pessoas que não autorizaram o uso de suas imagens.

REFERÊNCIAS

Britto, F. D. & Jacques, P. B. (2009). Corpocidade: arte enquanto micro- resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 337-350.

Bursztyn, M. (2000). *No meio da rua: Nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond.

Canclini, N. G. (2002). Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opinião Pública*, III(1), 40-53.

Carrieri, A. P. , Maranhão, C. M. S. A., & Murta, I. B. D. (2009). Crítica ao manejo humano em Belo Horizonte. *Revista de Administração Pública*, 43(6), 1315-1342.

Carvalho, M. (2000). Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. *São Paulo em Perspectiva*, 14(4), 70-82.

Certeau, M. (2008). *A invenção do cotidiano* (14a ed.). Petrópolis: Vozes.



Fischer, T. (1997). Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e configurações do local (pp. 13-23). In: T. Fischer (Org.). *Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV.

Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

Jackson, J. (2011). The global gentrification of nothing. *Spaces and Flows: An International Conference on Urban and ExtraUrban Studies*, 1(1), 25-36.

Nascimento, M. C. R., Teixeira, J. C., Oliveira, J. S., & Saraiva, L. A. S. (2016). Práticas de segregação e resistência nas organizações: uma análise discursiva sobre os “rolezinhos” na cidade de Belo Horizonte (MG). *Revista de Administração Mackenzie*, 17(1), 55-81.

Magnani, J. G. C. & Torres, L. L. (1996). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole (pp. 12-53). In: J. G. C. Magnani & L. L. Torres (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana* (3a ed.). São Paulo: Edusp/Fapesp.

Mendes, L. & Cavedon, N. R. (2012). A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 4(1), 123-140.



Pesavento, S. J. (2007). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27(53), 11-23.

Rodrigues, F. S. & Ichikawa, E. Y. (2015). O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 9(1), 97-112.

Sánchez, F. (2001). A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia e Política*, 16, 31-49.

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

Vieira, M. A. C., Bezerra, E. M. R. & Rosa, C. M. M. (2004). (Orgs.). *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec.

Viegas, G. C. F. S. & Saraiva, L. A. S. (2015). Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(5), 68-94.

A economia de rua: um olhar sobre Belo Horizonte

Resumo

Este ensaio fotográfico, realizado na cidade de Belo Horizonte, teve o objetivo de capturar e examinar imagens relacionadas às práticas de “Resistir”, em especial ao que interessa à economia de rua, marcada por transações comerciais informais exercidas por diferentes pessoas nos contextos da cidade. A intenção foi apresentar as formas alternativas de negócios praticados pela população que atua gerando uma “nova economia” de rua. Há diversas extensões do resistir, que resultam em variadas contradições sociais (Britto & Jacques, 2009). A forma de resistir, considerando o espaço urbano e os atores registrados nas fotos, pode contrapor o caráter puramente mercadológico, ao mesmo tempo em que, ao defender o uso do espaço urbano de forma diversa, pode encobertar novas formas de desenho do sistema capitalista. As pessoas em situação de rua adotam um modo de viver particular, de maneira a garantir sua permanência nas vias urbanas.

Palavras-chave

Economia de rua. Pessoas em situação de rua. Resistir. Comércio de rua.

The economy of street: a look at Belo Horizonte

Abstract

This photographic essay, held in the city of Belo Horizonte, aimed to capture and examine images related to the practices of resist, in particular those that concern the street economy, marked by informal commercial transactions carried out by different people in the contexts of the city. The intention was to present the alternative forms of business practiced by the population that acts by generating a "new economy" of the street. There are several extensions of resisting, which result in varied social contradictions (Britto & Jacques, 2009). The way of resisting, considering the urban space and the actors recorded in the photos, can counteract the purely market character, while at the same time defending the use of urban space in a different way, it may obscure new forms of capitalist system design. People in the streets embrace a way of life, to ensure its permanence in the urban roads.

Keywords

Economy of street. Informal work. To resist. Alternative trade

La economía callejera: una mirada sobre Belo Horizonte

Resumen

Este ensayo fotográfico, realizado en la ciudad de Belo Horizonte, destinadas a captar y examinar imágenes relacionadas con las prácticas de resistir, en particular a la economía de la calle, marcada por transacciones comerciales informales ejercidas por diferentes personas en los contextos de la ciudad. La intención era presentar las formas alternativas de negocios practicadas por la población que actúa generando una "nueva economía" de calle. Hay varias extensiones del resistir, que resultan en variadas contradicciones sociales (Britto & Jacques, 2009). La forma de resistir, considerando el espacio urbano y los agentes registrados en las fotos, puede contraponer el carácter puramente mercadológico, al mismo tiempo que, al defender el uso del espacio urbano de forma diversa, puede encubrir nuevas formas de diseño del sistema capitalista. La gente en situación de calle adoptan un modo de vivir, de manera a garantizar su permanencia en las vías urbanas.

Palabras clave

Economía callejera. Trabajo informal. Resistir. Comercio alternativo.

Autoria

Daniela Viegas da Costa Nascimento

Doutoranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora Auxiliar do Centro Universitário UNA. <http://lattes.cnpq.br/1038780043239307>. <https://orcid.org//0000-0002-0260-2342>. E-mail: dvcnascimento@gmail.com.

Camila Álvares dos Reis

Mestranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/6735770374920419>. <https://orcid.org/0000-0002-0532-1132>. E-mail: cammi.reis@gmail.com.

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getulio Vargas. Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>. <https://orcid.org/0000-0002-7835-5851>. E-mail: armindo.teodosio@gmail.com.

Endereço para correspondência

Daniela Viegas da Costa Nascimento. Centro Universitário UNA, Comunicação Institucional. Rua Aimorés, 1451, Lourdes, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30140-071. Telefone: (+55 31) 32357300.

Como citar esta contribuição

Nascimento, D. V. C., Reis, C. A., & Teodósio, A. S. S. A economia de rua: um olhar sobre Belo Horizonte. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(10), 1084-1134.

Contribuição Submetida em 12 jun. 2017. Aprovada em 12 jun. 2017. Publicada online em 20 out. 2017. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

